

sob o patrocínio da Embaixada do Canadá
óleos de

PAUL DUFF - pintor canadense



Exposição

de 11 a 30 de novembro de 1975

**Local: MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Salgado Filho, 235 - 1º
Porto Alegre**

**Promoção: Departamento de Assuntos Culturais
Secretaria Educação e Cultura RGS.**

Apresentação

Num mundo onde os homens estão cada vez mais interligados e, paradoxalmente, tão agressivos, todos os movimentos de comunicação sensível entre os indivíduos são gratificantes. Assim para mim é um prazer apresentar a arte do pintor canadense Paul Duff, de Hamilton, Ontário, que nesta sua nova fase artística se inspirou na exuberante natureza brasileira, como símbolo da amizade e compreensão que existem entre brasileiros e canadenses.

Barry C. Steers
Embaixador do Canadá

Óleos

- | | |
|--------------------------------|------------------------------|
| 1. VIDA VERDE nº 3 | 21. VIDA EXTUANTE ÚMIDA nº 1 |
| 2. " " nº 7 | 22. " " " nº 5 |
| 3. " " nº 11 | 23. FOLHAS MORTAS nº 9 |
| 4. " " nº 15 | 24. " " nº 10 |
| 5. FILIGRANA SOLAR | 25. COR DA NATUREZA nº 7 |
| 6. CATEDRAL DA MATA | 26. " " " nº 8 |
| 7. FARFALHANDO AO VENTO | 27. " " " nº 12 |
| 8. LABIRINTO DE SOMBRAS | 28. " " " nº 15 |
| 9. POLVO DA FLORESTA | 29. " " " nº 16 |
| 10. DEDOS DE FEITICEIRA | 30. VERDE CONSTANTE nº 4 |
| 11. MEDUSA ESPECTRAL | 31. " " " nº 5 |
| 12. ASAS DE ANJO | 32. " " " nº 6 |
| 13. CONVERSA DE IRMÃS | 33. " " " nº 9 |
| 14. REGISTRO DE TEXTURA nº 14 | 34. BRASILIANA |
| 15. " " nº 22 | 35. FORÇA INDOMÁVEL |
| 16. " " nº 31 | 36. ROCHAS TORTURADAS (C) |
| 17. LAGOA ONIRICA | 37. ROCHAS TORTURADAS (D) |
| 18. SELVA | 38. RECORDAÇÕES DO CANADÁ |
| 19. AS SETE PALAVRAS DE CRISTO | 39. " " |
| 20. EX-PISCES | 40. " " |



Paul Duff nasceu em Hamilton, às margens do Lago Ontário, em 15 de janeiro de 1928.

Aos 12 anos de idade começou seus estudos de pintura, prosseguindo mais tarde com C. F. McKeown, Egbert Oudendag, último sobrevivente dos discípulos do mestre holandês Han Van Meugeren, e com Hortence Gordon.

Desde seus tempos na Universidade McMaster, onde se diplomou em 1951, participou ativamente da vida artística com exposições individuais e em coletivas da Hamilton Art Gallery, com nomes como A. Y. Jackson, Frank Carmichael, na época famosos membros do Grupo dos Sete, e de outros que viriam a se projetar mais tarde

como Harold Town e Jacques de Tonnancourt. Custeou seus estudos na universidade com a venda de seus trabalhos e retratos comissionados.

Em 1954-55 passou um ano na Europa pintando principalmente aquarelas enquanto frequentava a Universidade de Genebra.

De volta ao Canadá, fixou-se em Port Credit, perto de Toronto, e paralelamente ao seu trabalho de professor, fez ilustrações para livros didáticos e diversos tipos de arte comercial. Iniciou pesquisas em pseudo-isocromismo, que buscavam a criação de quadros que pudessem ser percebidos pelos daltônicos, expostos pela primeira vez em junho de 1965, em Toronto. Realizou exposições individuais em Hamilton, Toronto, Oakville e Port Credit e participou de coletivas em Hamilton, Toronto, Genebra, Winnipeg e Nova York.

Vindo para o Brasil, entusiasmou-se pela exuberância e riqueza de linhas da vegetação tropical, passando a pesquisar a repetição das formas da natureza, apresentando recortes da realidade em estilo detalhista, muito próximo do realismo mágico que floresce no Canadá e cujo principal expoente é o pintor Alex Colville.

Eu tento dar a todos um pedaço de beleza —
Exploro o espaço, a luz, a forma e a cor da natureza.

Procuro registrar detalhes do mundo maravilhoso que nos envolve — temas que se repetem como que ligados por uma corrente de enigmas.

Cada folha, cada pedra, cada inseto que recolho me extasia —
os vitrais efêmeros pintados pela luz, as gotas de orvalho,
a luxuriante vegetação de formas sinuosas e sensuais —
associativas de conotações de nosso subconsciente.

Meu trabalho está sendo a trama de experiências passadas e sensações presentes, que transcende do real para atingir uma nova dimensão do meu mundo interior.

Paul Duff



Paul Duff, com uma pintura que se coloca no limiar da documentação e da invenção, propõe ao espectador, com uma liberdade fecunda e útil, a visão do que a gente olha mas não vê. Mais especialmente a imagem da natureza circundante, tropical, exuberante, rica, sugestiva, que este professor de biologia, botânica e zoologia, reproduz e anima numa visão de realismo fotográfico ao qual não falta a margem da fantasia.

Paul Duff nos informa sobre a natureza, o luxo e fantasia de certas formas vegetais que imitam a expressão de uma agressividade erótica, de uma visão biológica, de anatomias transpassadas. Confere uma personalidade às plantas, uma dignidade e uma vida mesmo às folhas mortas, que ele dispõe numa progressão de tons outonais, dourados de uma luz que eterniza o instante. Para Paul Duff, a fonte de abstração é a natureza. Os detalhes íntimos da casca de um tronco, revelam a sutileza das cores; certas folhas sobre finos e altos caules reportam a memória às atmosferas do art-nouveau e do simbolismo. Seus celeiros estão principalmente no Jardim Botânico, Parque da Cidade e Parque Laje, que ele chama de Minas de Salomão, e de onde colhe detalhes, instantâneos fluorescentes, tramas, filamentos, pétalas contendo gotas de chuva ou orvalho, sem o convencional enfoque de delicadeza dos levantamentos acadêmicos, mas com uma perspectiva ostensiva e agressiva, que transforma a plataforma passional de um antúrio num escudo com espada, possivelmente num símbolo fálico, ou simplesmente numa afirmação formal da natureza descontraída e espontânea de nossas reservas. É evidente que Paul Duff, com sua pintura, ingressa na milícia dos defensores da natureza contra a depressão de um urbanismo criminoso. De um anti-urbanismo, diríamos, pela falta de planejamento e respeito pelo cenário natural onde a vida deve se instalar com propriedade e rendimento. A atenção e o amor para com o mundo vegetal é o princípio da catequese de Paul Duff, este professor canadense de repente enraizado numa realidade plástico-visual luxuriante e espantosa com relação às suas experiências anteriores. Então, no espaço de sua vida, foi pintando estes retratos botânicos, interpretando muitas vezes, mais que copiando, estas folhas gigantescas, estes troncos robustos, estes imprevisíveis surgimentos cromáticos enredados em liames de raízes aéreas. Um mundo como os outros, onde é possível simbolizar emoções, sentimentos e ações. Bastando para tanto o conhecimento e a atenção, coisas que Paul Duff cultua com um sentimento quase hipnótico de percepção e consciência.

Walmir Ayala